

SÉCULO XVI: INÂNCIO DE LOYOLA, FRANCISCO XAVIER E OS PRIMEIROS JESUITAS NA HISTÓRIA DA IGREJA E DA MISSÃO.

Situação da Igreja no começo do 1500: todo mundo sabe alguma coisa triste a respeito daquele período. O mal ou a desordem moral vigoravam sobretudo nas regiões altas da estrutura eclesiástica: clero, religiosos, bispos e papas. O povo cristão era quase que abandonado ao seu destino de ignorância, superstição e predomínio dos instintos. Não existia alguma forma de pastoral que se possa comparar com as da atualidade. Pastores e párocos viviam e faziam negócios preferivelmente longe de seus rebanhos. O poder religioso e o poder civil eram assumidos e confundidos tanto na mão dos príncipes quanto na mão de bispos e abades, provocando uma desorientação total das comunidades cristãs. As próprias comunidades religiosas e monásticas entravam na onda do mundanismo e da devassa, enquanto os vértices da Igreja se preocupavam com a arte, a política européia, a riqueza, o esplendor das aparências e as diversões. Lembremos só os casos dos papas Leão X e Paulo III. Na hora em que Lutero (1517) expunha na porta da catedral de Vittemberg a suas 99 teses contra a doutrina e a conduta da Igreja, o Papa Leão X (1513-1521) organizava partidas de caça e assistia a representações teatrais que faziam gozação das liturgia e dos sacramentos, como è o caso da *"Mandrágola"* de Maquiavel. Instado a fazer alguma coisa em vista de enfrentar o furacão desencadeado por Lutero (1517), respondeu redigindo uma bula que assim começa: *"Exurge, Domine, quare obdormis?"*. Um pouco mais edificante e séria foi a conduta de Paulo III (1534-1549), o papa que aprovará, no sexto ano de

pontificado (1540) a Companhia de Jesus, enviará Francisco Xavier (1541) para os confins do mundo e organizará, com imensa dificuldade, em novembro de 1545, a primeira sessão do Concílio de Trento. Mas vejamos alguns outros dados da sua vida. No momento da eleição a pontífice, Paulo III tinha três filhos e uma filha, tendo contado entre as suas amantes nada menos que a irmã de Alexandre VI, o desconcertante papa Borjas. Não menos significativas, pelos desvios em que navegava a barca de Pedro, foram algumas clássicas decisões tomadas por ele em 1534 logo após a eleição. Criou cardeais dois netos de 14 e 16 anos, confiando-lhes a chefia de dois importantes dicastérios da cúria romana (1). Contudo, a conclusão com que se costuma selar a narração destas incríveis aventuras históricas da esposa de Cristo, é ainda mais triste e aterradora: todos aqueles males, toda aquela descarada corrupção, tinham freqüentemente um preço amargo e repugnante: a simonia.

Reação dos cristãos a tal situação. Parece idéia errada e superada reduzir a história religiosa do séc. XVI a dois movimentos de reação: a reforma protestante e a contra-reforma católica. Muitos autores falam hoje de três movimentos de reação que se manifestaram na cristandade ocidental, acrescentando o da **reforma católica** e colocando-o em primeiro lugar, devido ao fato que foi o primeiro dos três movimentos a despontar na história (entre o fim do 1400 e começo do 1500).

È neste primeiro e espontâneo movimento que podemos tranqüilamente colocar Inácio, Francisco e os primeiros jesuítas, sem esquecer que alguns deles tenham em seguida atingido e caracterizado também o movimento da contra-reforma católica, o terceiro da série. Foram os dois ou três que participaram do Concílio de Trento como teólogos.

Características da reforma católica. Surgida entre leigos, religiosos e bispos, a reforma católica deve ser entendida como uma tentativa de fazer voltar a Igreja às fontes da fé, com os meios da auto-disciplina, da ascese e da santidade. A reforma católica quer renovar a Igreja fazendo-a reencontrar com aquele que é a sua cabeça e vida: Jesus Cristo. A reforma católica não exclui problemáticas doutrinárias ou estruturais a serem enfrentadas e assumidas, mas não privilegia tal entendimento. Ela surge antes que Lutero lance o seu grito e, então, sem se saber qual resposta lhe se devia dar. É curioso então constatar que Inácio de Loyola e vários outros reformadores da sua linha não sabiam quase nada a respeito de Lutero. Inácio parece atacar expressamente a doutrina dele uma só vez, lá onde afirma que nós cristãos devemos nos comportar como se tudo dependesse de Deus e, ao mesmo tempo, como se tudo dependesse de nós. Na dúplici sugestão de Inácio se pode não ver uma lógica filosófica brilhante, mas, em lugar dela, uma lógica psicológica de acerto e força formidáveis. Enquanto a reforma de Lutero queria mudar a religião, a reforma católica queria mudar os homens da religião, fazendo eco a um ditado de frei Gil de Viterbo que em 1512 afirmava: “o problema não consiste em mudar a religião por meio dos homens, mas em mudar os homens por meio da religião”. Simplificando ao máximo a questão poderíamos concluir: enquanto a reforma católica quer mudar os homens da Igreja, a reforma luterana, vinda depois, pretende mudar a Igreja dos homens.

Características da reforma protestante: ao contrario da reforma católica, a reforma de Lutero, Calvino e outros privilegiam propostas doutrinárias e jurídicas a serem instauradas no seio da Igreja e em vista do seu caminho de vida evangélica. Coloca em primeiro lugar o retorno às fontes bíblicas e a simplificação do quadro estrutural da vivência

cristã, sem porém excluir uma mais profunda adesão a Cristo e aos seus ditados fundamentais. A quinhentos anos de distância podemos pensar que a reforma protestante nascia de instâncias muito sérias, embora misturadas ou ofuscadas por sentimentos e tensões culturais bastante impróprias e que impediam de considerá-la nos seus genuínos valores.

Características da contra-reforma católica. Foi um movimento institucional destinado a dar uma resposta teológica e/ou doutrinal à revolução luterana do norte da Europa que, sem excluir uma conduta mais virtuosa e mais de acordo com a Palavra de Deus, visava antes de tudo uma nova maneira de pensar a Igreja e coloca-la frente à realidade do mundo e da história. Por sua vez, a contra-reforma católica se identifica com o Concílio de Trento e uma clara reafirmação das doutrinas tradicionais instaurando providências disciplinares de alcance e rigidez nunca vistos ao longo da sua história milenar. Reforma católica e contra-reforma chegam um belo dia a se juntar e a se cruzar durante a aplicação das regras emanadas pelo Concílio de Trento, mas não a se confundir ou a se perder uma na outra. O que se tornou questionável nos séculos sucessivos, e foi superado no Concílio Ecumênico Vaticano II, não foi a reforma católica ou o seu espírito, mas a contra-reforma e o seu principal produto: o Concílio de Trento.

Duração dos três movimentos: a reforma católica e a reforma protestante são quase que contemporâneas, situando-se ambas entre o fim do 1400 e a primeira metade do 1600, embora o grito de Lutero "*los from Rom*" tenha surgido em 1517, quer dizer na hora em que o entusiasmo pela renovação da vida cristã estava se afirmando na Europa meridional. A contra-reforma católica parte 50 anos depois e, precisamente, em 1545, com a

abertura do Concílio de Trento, e vai se destemperando ao longo de todo o século XVII.

Geografia da reforma católica: ficam interessadas ao movimento a Itália e a Espanha em geral, co-envolvendo várias áreas da França meridional.

Os leigos na reforma católica: ao norte da Europa comunidades de fieis praticam a devoção moderna, baseando-se na **Imitação de Cristo** de Tomas da Kempis (1380-1471) desde o começo do século XV. Na Itália se verifica algo de parecido com os oratórios do “divino amore”, uma experiência que será assumida em seguida por S. Felipe Néri (1515-1595). Escritores católicos estimulam e empenham contemporaneamente as categorias intelectuais da Europa. Entre eles podemos lembrar Marsilio Fícano (1433-1499), que se ordena padre após os quarenta anos, e Erasmo de Rotterdam (1469-1536) que, apesar de ter nutrido simpatia por Lutero, fez questão de não abandonar a fé católica, mesmo sem aceitar a nomeação a cardeal proposta-lhe por Paulo III. Entre outros livros, Erasmo escreveu **a Filosofia de Cristo**, expondo uma doutrina que deveria ser praticada em vez que argumentada.

Ordens religiosas reformadas: contribuíram para o sucesso da reforma algumas ordens religiosas que, na época, fizeram questão de voltar às suas origens de pobreza, mortificação, misticismo e empenho eclesial. Entre elas lembremos os cartuxos (na área beneditina), os capuchinhos por meio de frei Matheus de Bascio (1495-1552} e os alcantarinos por meio de Pedro de Alcântara (1493-1562, na área franciscana), os carmelitas por meio de S. João da Cruz (1542-1591) e as carmelitas por meio de Teresa de Ávila (1515-1582).

Novas ordens religiosas: ordens que apareceram com o intuito de testemunhar e espalhar a reforma do costume católico. Em primeiro lugar a Companhia de Jesus (1534) e, em seguida, várias outras como os barnabitas (por Antonio Maria Zaccaria, 1502-1539), os padres do oratório (por Felipe Néri, 1515-1595), os frades hospitaleiros (por João de Deus, 1495-1550), os teatinos (por Gaetano de Tienne, 1480-1547), os somascos (por Gerônimo Emiliani, 1486-1537), as ursulinas (por Ângela Merici, 1470-1540) e os camilianos (por Camilo de Lellis, 1550-1614) (2).

Os bispos na reforma católica: na primeira metade do século XVI os encontramos chefiando a reforma em Veneza, Verona, Vicenza, Pádua, Belluno, Trento, Brescia, Alba, Genoa e Brindisi. Na segunda metade do século brilha acima de todos Carlos Borromeu em Milão (1538-1584). Sobrinho do papa Pio IV e por ele criado cardeal com 20 anos, se converteu na hora de ser nomeado arcebispo de Milão, teve uma colaboração decisiva na condução do Concílio de Trento e inventou aquela forma de cura pastoral que chegou até nós. Teve influencia sobre toda a Itália, em particular sobre Lombardia, Veneto e Canton Ticino (na Suíça atual).

Inácio de Loyola, Francisco Xavier e os primeiros jesuítas. Após a conversão, e com 31 anos de idade, Inácio de Loyola (1491-1556) se retira em Manresa por um ano penitencial, escrevendo aí o famoso livrinho dos “exercícios”. Com estas suas reflexões, hoje universalmente conhecidas, Inácio quer ensinar a meditar e a se posicionar. Quer ensinar a viver a vida cristã, mas a quem? Não propriamente à congregação que irá fundar e que, por enquanto, nem consegue imaginar, mas ao cristão comum, ao simples batizado. Uma vez concentrado sobre a realidade da

sua própria experiência e dos erros passados, Inácio quer levar o simples batizado a tomar uma decisão definitiva e irrevogável, situando-se ao lado de Cristo e marchando sob a sua bandeira (3). Será a partir desta decisão primordial que Inácio atrairá um grupo de discípulos e eles todos se tornarão depois religiosos, sacerdotes e missionários. Para Inácio e os colegas o ser cristão, o ser religioso, o ser sacerdote e o ser missionário são somente maneiras diferentes e/ou acidentais de ser discípulos de Cristo. Mais simplesmente se poderia dizer: ser cristão era para eles a mesma coisa que ser religioso, ser sacerdote, ser missionário. Eitem, portanto em Montmartre (15 de agosto de 1534) os três votos tradicionais e lhes acrescentam um quarto: o voto de missão. A ser praticado em que missão? Possivelmente entre os turcos do médio oriente e, precisamente, na Palestina, na terra de Cristo. Que curiosa e espantosa decisão! Na hora em que toda a Europa teme os turcos e arma frotas e exércitos para derrubá-los, os ingênuos companheiros de Inácio querem ir servi-los e honrá-los com sua amizade. Notemos enfim, por inciso, que a maneira de pensar dos primeiros jesuítas, a que faz coincidir todas as vocações cristãs na vontade de servir a Cristo e aos irmãos, sem dar peso excessivo ao fato de sermos leigos, religiosos, sacerdotes ou missionários, está reaparecendo aos nossos dias e pode carregar uma mensagem teológica de enormes conseqüências. A confirmar tudo isso nos ajuda a estrutura condicional que foi dada, naquela mesma hora, ao voto de missão: não podendo chegar até a Palestina e testemunhar Cristo entre os turcos, os jesuítas recém-nascidos se colocarão à total disposição da Igreja. Por enquanto como leigos e religiosos, em seguida também como sacerdotes e missionários. Foram eles que inventaram os termos missão e missionário. Fundando em seguida colégios e seminários e dedicando-se à pregação pastoral e formativa, se

tornarão o fermento da Europa católica e o maior baluarte contra a expansão protestante. Muitos deles se dedicaram a reconversão de luteranos e calvinistas tanto na França quanto na Alemanha, na Suíça e até na Dinamarca. A Congregação de Propaganda Fide foi criada por impulso deles e devia direcionar e assistir tanto os missionários da Ásia e América Latina quanto aqueles que se dedicavam, na antiga e perturbada Europa, à recuperação das populações que tinham passado para o protestantismo (4).

O maior missionário da história. Partindo de Roma poucos anos depois (1541) e viajando por terra até Portugal e por mar até as Índias, Francisco Xavier se tornará o maior missionário de todos os tempos sem saber nada de missiologia ou, como diríamos hoje, de teologia da missão ou de pluralismo religioso. Para tanto, era suficiente manter aquela decisão irreformável de levantar a bandeira de Cristo e servi-lo nos seus irmãos em qualquer lugar do mundo. Não é improvável que o Rei de Portugal João III tivesse pedido ao papa Paulo III alguns missionários para a assistência religiosa aos portugueses das Índias, sem que chegasse a pensar na missão aos pagãos. De fato, naqueles países do oriente, os portugueses não se interessavam em conquistar regiões geográficas e submeter povos. Se limitavam a criar e estabilizar portos que servissem para a compra e venda de mercadorias aceitas em todas as partes do mundo, enriquecendo antes de tudo as caixas da corte portuguesa. Este curioso estatuto dos mercantes portugueses no oriente, exclusivamente voltados para negócios comerciais, pode reforçar a idéia que foi Francisco a inventar por aí a missão que ainda não existia e aquele tipo de pastoral que começava a despontar na Europa católica atormentada e crivada pela revolução protestante.

A missão no longínquo oriente antes de Francisco. Durante o século XIII os franciscanos tinham chegado ao coração da Ásia, entre os tártaros de Gengiskan, na capital do império celeste, estabelecendo aí a arquidiocese de Pekim, e em algumas ilhas da atual Indonésia (5). Viajavam por terra, a pé, da Europa Central ou da Palestina até os extremos orientais do continente asiático. Como se desenvolvia a missão deles? Criavam principalmente pontos de atração à maneira dos monges beneditinos, uma espécie de seminários ou mosteiros que enchiam com comunidades de adolescentes e jovens da terra, ensinando-lhes o latim e o catecismo e cantando com eles, sempre em latim, os salmos das horas canônicas. Não sabemos quanta expansão e influência tenha alcançado esta metodologia dos centros de atração. Com certeza os franciscanos chegaram a batizar indivíduos e até povoados, mas não conseguiram dar aos convertidos chineses nem estabilidade nem continuidade. Um século depois e já no final do 1300 as missões franciscanas tinham totalmente desaparecido das terras do extremo oriente e coube a Francisco Xavier reconstituí-las duzentos anos mais tarde.

Características da missão de Francisco. Nada de centros de atração à maneira dos franciscanos, a não ser capelas e igrejas. Em vez de atrair esperando, Francisco se movia andando e procurando por todo canto. Deixando totalmente de lado o latim, mas não o catecismo, Francisco se esforçava de aprender a língua local e de expressar-se com a mesma. Com certeza aprendeu o tamil, uma língua veicular na Índia e na Ásia meridional. Se esforçou até de aprender o japonês, pelo menos nas suas expressões indispensáveis. O que para nós parece totalmente natural, aprender as línguas locais era uma novidade estrondosa nos tempos de Francisco. Era o começo de um caminho que,

somente uns trinta anos depois, teria sido assumido e aperfeiçoado por Matteo Ricci, o jesuíta que nascia em Macerata na hora de Francisco morrer às portas da China. Terá Francisco intuído a importância de aprender a língua e a cultura de um povo ao fim de exercer a missão partindo do Evangelho que tal povo já possuía e vivia espontaneamente? Não é importante afirmar ou negar este fato, mas é importante saber que outro jesuíta, mais preparado que o próprio Francisco e como ele filho de Inácio, teria entrado na mesma linha e a teria conduzido às suas mais elevadas aplicações. Infelizmente precisou que passassem outros quatro séculos para que a missão como um todo retomasse o método da inculturação, ou, melhor ainda, da encarnação já vislumbrado por Francisco e egregiamente desenvolvido por outros jesuítas como Matteo Ricci na China (Séc.XVI), Roberto de Nobili na Índia e, João de Brito no Tibet (Séc.XVII).

A teologia dos padres gregos na missão dos jesuítas. Enquanto a teologia ocidental se apresenta como marcada pela paixão e morte de Cristo em função dele recuperar, com seu sacrifício, a humanidade escrava do pecado (cfr. Agostinho e Lutero), a teologia ortodoxa aparece desde o começo com cores mais positivas e otimistas. Ela não parte da escravidão que o pecado exerce sobre a humanidade, exigindo a morte de Cristo na cruz, mas da encarnação de Cristo e da sua confiança na natureza humana. Para os orientais, Cristo vestiu a natureza humana, para que o homem pudesse vestir a natureza divina e entrar a fazer parte da família da Trindade Santa. Não sabemos se Matteo Ricci andava com estas idéias na cabeça, mas a sua visão cheia o otimismo dos padres gregos e resplandece altamente positiva também para nós, ao ponto de se tornar a estrela guia da missão no atual mundo globalizado. Hoje em dia, mais que partir do pecado da humanidade, deveríamos partir

daquilo que a humanidade, as culturas, as ciências e as religiões tem de válido, apresentando a elas a possibilidade de se fundir com a mensagem e a realidade do Cristo por nós testemunhado. Uma revolução copernicana que deveríamos operar na missão da Igreja atual e podemos considerar como já vislumbrada por Francisco Xavier, Matteo Ricci e outro mais.

Por que Francisco Xavier batizava muito? Esta pergunta não é de pequena importância, pois a mania de Francisco batizar quase a todo custo contrasta violentamente com a idéia da missão que procede a partir dos valores que os povos já possuem ou do evangelho que preexiste e opera muito antes de nós chegarmos. Se as religiões, as culturas e as ciências têm valores que vieram de Deus e do Espírito, o batismo se torna menos urgente que no passado ou o próprio Deus poderia ter outras maneiras de batizar que nós não conhecemos. Desde séculos a teologia fala de batismo de desejo, e até de batismo de sangue (=martírio), tanto válidos quanto o batismo que Francisco e nós damos a toda hora. Respondendo então à pergunta posta acima e vendo que Francisco agia segundo as idéias do tempo -de fato se pensava que o batismo fosse dado pelo próprio Jesus através do missionário e que uma vez tocada e quase que possuída por Jesus, em consequência do batismo recebido, a pessoa humana ia com certeza encontrar a salvação- poderíamos dizer que não há uma notável diferença entre nós e Francisco. Francisco batizava muito ao ponto de seu braço não agüentar o esforço físico exigido. Batizava muito porque pensava que esta era a maneira mais certa de colocar os filhos de Deus no caminho da salvação. Nós batizamos menos ou consideramos o batismo menos urgente porque achamos que Deus está sempre presente entre seus filhos de outras religiões e os salva mediante elas ou mediante

outras maneiras de batizar que somente ele conhece. Pensamos de forma oposta à de Francisco, mas a nossa conclusão pode assimilar-se bastante à dele. Ele e nós queremos salvar os irmãos, queremos fazer o Reino, embora de modo diferente. Ele batizando muito, nós encaminhando a humanidade para o ideal da justiça, da fraternidade e da paz, nesta e na vida eterna. Não se trata da mesma meta?

Savino Mombelli.

NOTAS.

1. A título de ilustração acrescentaria o caso de Julio II que foi contado pela televisão italiana nos anos 60, durante um seriado de quatro noites sobre a vida do grande artista Miguel Ângelo. Um belo dia o sumo escultor e pintor apresentou ao papa Julio II o esboço da estatua que estava projetando colocar no mausoléu dele. Quando o papa teve o esboço da sua figura por baixo dos olhos e observou que tinha na mão esquerda as chaves do céu e na direita um livro de oração, reagiu irritado e disse: “Meu filho, o que fica bem na minha mão direita não é o livro das orações mas a espada”.
2. A partir daquela época, novas congregações religiosas de sacerdotes costumaram se chamar de “Clérigos regulares” ou “Cônegos regulares” para evidenciar aquilo pelo que iam se caracterizar e distinguir: uma vida de regularidade e disciplina em contraste com a liberdade e/ou libertinagem do clero da época. Mais interessante ainda, neste sentido, foi a fundação das Ursulinas por Ângela Merici. A santa queria que suas irmãs de vocação vivessem a vida religiosa ou a consagração religiosa no mundo e na sociedade em que tinham vivido até aquela hora. Pois deviam testemunhar a santidade nas situações ordinárias, nas desavenças e tribulações que todo povo sofria.
3. Se bem me lembro, na visão de Inácio de Loyola o caminho a percorrer constava de três etapas: *deformata reformare, reformata conformare, conformata confirmare*.
4. *Aprovados em 1534, cem anos depois se encontrarão jesuítas em todos os continentes alcançando um total de 8.500.*
5. Entre os franciscanos italianos três se sinalizaram em particular: Giovanni da Pian del Carpine, Giovanni da Montecorvino e Odorico da Pordenaone.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

César Vidal Manzanares. DICCIONARIO HISTÓRICO DO CRISTIANISMO. Editora Santuario, 2005.
Daniel Rops. A IGREJA DA RENASCENÇA E DA REFORMA. Vol. II. Ed. Quadrante, 1999.
David Bosch. LA TRASFORMAZIONE DELLA MISSIONE. Ed. Queriniana, 2000.
Guido Zagheni. A IDADE MODERNA. Curso de História da Igreja III. Ed. Paulus, 1999.
Richard Mc Brien. OS PAPAS. Ed. Loyola, 2000.